

O discurso de representação do suicídio de Guilherme Santos: da exclusão à culpabilização

Discourse representation of Guilherme Santos' suicide:
from exclusion to guiltiness

 Rhaí Ramos da Silva

Resumo: O presente artigo tem como principal objetivo analisar, à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), a maneira como o suicídio de Guilherme Santos de Andrade, estudante de 24 anos da Faculdade Baiana de Direito, teve sua representação construída. Entendendo a linguagem como prática social e instrumento de poder (Fairclough, 2001; 2003) e as representações como mecanismos para servir a interesses específicos (Van Leeuwen, 1997; 2008), buscamos, nesse sentido, observar como o discurso de representação está vinculado a determinadas estruturas de preconceito a respeito do suicídio. Para fins analítico-metodológicos, serão levadas em consideração as seguintes questões: 1) que elementos desse evento social foram incluídos ou excluídos no processo de representação e que elementos incluídos foram mais salientes? e 2) como os atores/grupos sociais foram representados? (Fairclough, 2003). Como *corpus* para análise, selecionamos a Nota de Pesar, emitida pela referida faculdade, que apresenta seu posicionamento, enquanto instituição, e que fora divulgada em seu perfil oficial do *Instagram*. Além disso, também selecionamos comentários a essa postagem, feitos prin-

Rhaí Ramos da Silva. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPE). Email: rhai.ramossilva@ufpe.br

principalmente por alunos e/ou ex-alunos da instituição, tendo como critério de seleção aqueles que apresentam algum teor relacionado à falta de cuidado da Faculdade para com seus alunos, no que se refere à saúde mental.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Representação. Suicídio.

Abstract: This paper's main purpose is to analyse, based on the Critical Discourse Analysis (CDA), how Guilherme Santos de Andrade's suicide, a student from Faculdade Baiana de Direito, had its representation built. Understanding the language as a social practise and power instrument (Fairclough, 2001; 2003) and the representations as mechanism to suit specific interests (Van Leeuwen, 1997; 2008), we intend, forehead, observe how the representational discourse is related to such prejudice structures addressed to suicide. Based on analytical-methodological, it will be considered the following questions: 1) which elements of that social event were included or excluded in the process of representation and which of them were more salient? and 2) how social actors/groups were represented? (Fairclough, 2003). Our analysis is cantered in the Regret Note, published by the college, what shows its position, as an institution, and that was shared in its official Instagram profile. Furthermore, we also selected comments in that post, made especially by students or ex-students, having as selection criteria those that presents content related to the lack of care of the College to its students, considering their mental health.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Representation. Suicide.

Introdução

A partir da consideração de que é através e no discurso que construímos e revelamos marcas ideológicas e sociais, entendemos, calçados na Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), que a linguagem é um instrumento de prática social e de poder (Fairclough, 2001). Em

outras palavras, a linguagem constitui-se como um modo de agir no mundo. Dessa maneira, observar a forma como os eventos sociais são representados é também buscar perceber de que maneira agimos no e através do discurso, tanto para sustentar quanto para superar problemas sociais. Nessa direção, a instrumentalização do poder está diretamente relacionada à maneira como questões ideológicas permeiam práticas e atuações sociais.

Partindo desse pressuposto, é correto afirmar que a ACD objetiva, então, analisar de que forma os discursos são construídos, retirando o véu e revelando as marcas sociais, ideológicas, de hegemonia e manutenção de poder, além de ser um aparato que permite engajamento social no sentido de observar as ações que corroboram a manutenção do poder e de como podemos atuar como contra resistência a esses discursos. É nesse sentido que a ACD se pressupõe socialmente engajada, no sentido de, a partir da atuação dos atores sociais, buscar-se entender, revelar, denunciar e contra posicionar-se em relação ao abuso de poder e à manutenção de práticas sociais violentas, preocupando-se em observar problemas sociais vigentes.

Este trabalho busca, dentro desse panorama, analisar como, através do discurso, são criadas as representações de eventos e de atores sociais e, no caso específico desta análise, como o suicídio de Guilherme Santos fora representado, a partir da Nota de Pesar da Faculdade Baiana de Direito, publicada em 08 de julho de 2022 em seu perfil oficial do *Instagram*. Para tanto, intentamos responder a duas questões consideradas basilares para a análise aqui empreendida: 1) que elementos desse evento social foram incluídos ou excluídos no processo de representação e que elementos incluídos foram mais salientes? e 2) como os atores sociais foram representados?

Além de lançarmos olhar para a Nota da Faculdade, também analisamos três comentários de alunos e ex-alunos da Instituição, recorrendo aqueles que mencionaram em seu discurso um teor relacionado ao tratamento dado à saúde mental dos alunos da Faculdade pela Instituição. Para compreendermos, então, como tal discurso de representação foi construído, é preciso que entendamos alguns elementos contextuais do evento do suicídio de Guilherme, justificando, inclusive, a razão de termos selecionado este caso para análise. Mas, em primeiro plano, é relevante iniciarmos pela apresentação das bases teórico-metodológicas que sustentam este trabalho.

A Análise Crítica do Discurso como instrumento teórico-metodológico

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que os estudos em ACD são bastante heterogêneos, podendo apresentar-se a partir de diferentes abordagens. Dessa maneira, as investigações podem estar voltadas, por exemplo, a questões sociocognitivas, formuladas e desenvolvidas especialmente por Teun van Dijk, ou ter interesse em observar aspectos ligados ao engajamento e mudança social, do ponto de vista sociodiscursivo, proposta por Norman Fairclough. Além dessas duas possíveis abordagens, poderíamos ainda referir à perspectiva histórica de Ruth Wodak e aos estudos de representação social de Theo van Leeuwen.

Independente de qual abordagem assumida, esses estudos, por entenderem-se como críticos, compartilham algumas características, que dizem respeito a interesses comuns e de continuidade da área. Todos eles consideram, por exemplo, a linguagem como uma prática social e que existem formas de instrumentalização do poder. Adicionalmente, essas pesquisas levam em consideração conceitos fundamentais,

tais como **discurso e ideologia**, sempre calçados no viés crítico da análise. Em outras palavras, as análises críticas estão intrinsicamente ligadas à observação do discurso e de revelar as ideologias a ele relacionadas, tanto no sentido de manutenção de estruturas sociais, consideradas como um eixo fixo da vida social, quanto pelas práticas e eventos sociais.

Faz-se imprescindível, portanto, que discutamos esses dois conceitos, com o fito de entendermos como eles “apontam tanto para as instâncias discursivas específicas” das análises “quanto para as práticas sociais a elas associadas” (Vieira e Resende, 2016, p. 13), uma vez que as análises discursivas precisam articular questões relacionadas à linguagem e às explanações de caráter social.

Antes de entendermos o que é discurso, no entanto, é preciso compreendermos o próprio caráter científico interdisciplinar da ACD, enquanto estudos críticos da linguagem como prática social. Nesse sentido, assumimos que a ACD “refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (Vieira e Resende, 2016, p. 14). É exatamente considerando a relação da linguagem e de aspectos sociais que a ACD está comprometida em ofertar aparato científico para questionarmos problemas sociais vigentes, especialmente aqueles ligados ao poder (ou ao abuso dele) e à justiça (ou injustiça). Nessa direção, a ACD propõe-se crítica exatamente por engajar-se com a ciência social crítica, como esclarecem Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999).

Acerca desse caráter crítico, Ruth Wodak (2004) defende que pensar de maneira crítica pressupõe assumir uma postura diante de questões que extrapolam os limites teóricos ou acadêmicos. Segundo a autora, “a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes” (Wodak, 2004, p. 223). Tal fato explica sua característica interdiscipli-

nar, dado que, ao romper as fronteiras epistemológicas com teorias sociais, a ACD “objetiva subsidiar sua própria abordagem sociodiscursiva assim como oferecer suporte para que pesquisas sociais possam contemplar, também, aspectos discursivos” (Vieira e Resende, 2016, p. 15).

Nesse sentido, conforme defendem Vieira e Resende (2016), “a perspectiva da linguagem como parte irreduzível da vida social pressupõe relação interna e dialética entre linguagem e sociedade, pois questões sociais são também questões discursivas, e vice-versa” (ibidem). Daí podemos entender, então, as **práticas sociais** como ações de uma entidade intermediária, “que se situa entre as estruturas sociais mais fixas e as ações individuais mais flexíveis” (idem, p. 16). Em outras palavras, não há prática social sem linguagem nem linguagem sem prática social para a ACD, pois tais práticas regulam, permeiam e interagem com as ações de estruturas já fixadas socialmente e com a ação individuais de seus atores.

Desse modo, o **discurso** é o momento de toda prática social. Ou seja, o discurso é uma prática social. Enquanto prática social da linguagem, ele está presente em todos os níveis da vida social, desde aqueles mais fixos (as estruturas sociais) até os mais flexíveis (os eventos sociais), passando pelo nível intermediário (as práticas sociais). Para fins analíticos, assumimos o discurso não só como esse momento da prática social, mas também como “um modo particular de representar nossa experiência no mundo” (idem, p. 19).

No tocante ao conceito de **ideologia**, defendemos, ao lado de Thompson (2002), que pode ser entendido como instrumento “para estabelecer e sustentar relações de dominação” (p. 77). Ou seja, a ideologia é uma das formas de assegurar a hegemonia, ainda que temporariamente, dado que propõe a “disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima” (Vieira

e Resende, 2016, p. 27). Para Thompson (2002), a ideologia pode ser usada como instrumento para **legitimar** relações de dominação; para **dissimular** relações de dominação, quando essas relações são ocultadas, negadas ou obscurecidas; para **unificar**, construindo-se, simbolicamente, uma identidade coletiva; para **fragmentar**, segmentando os indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante; ou para **reificar**, retratando uma situação transitória como permanente e natural.

Assim, os trabalhos em ACD estão “fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem” (Wodak, 2004, p. 225). Considerando isso, os estudos empreendidos pela ACD, ainda segundo Wodak (2004), almejam “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso).” (p. 225).

Assim, intentamos discutir ao longo deste artigo como a relação sociedade e linguagem se estabelece a partir de práticas discursivas que asseguram a manutenção de determinadas estruturas sociais. Na próxima seção, discutiremos nosso interesse particular em analisar o discurso, observando o modo como representam-se os eventos e atores sociais.

A representação de eventos e de atores sociais

Em primeiro lugar, é válido considerar que “a representação de atores sociais é uma categoria de análise textual relacionada diretamente ao significado representacional e a discursos particulares” (Vieira e Resende, 2016, p. 150). Dito de outra maneira, acrescentam as autoras acerca da representação particular afirmando que é realizada “a partir de determinados pontos de vista, e, por isso, representam atores

envolvidos nas práticas de diferentes maneiras” (Idem, p. 151). Nesse sentido, em um texto, os atores podem ser excluídos; incluídos, mas sem agentividade (ou com agentividade enfatizada); podem ser, nas palavras das autoras, “representados por suas atividades ou enunciados; podem ser referidos por meio de julgamentos acerca do que são ou do que fazem e assim por diante”.

Nesse sentido, mais do que observarmos, de maneira rigorosa, as formas linguísticas, é válido pensar que, assim como defende van Leeuwen (2008), “as maneiras como atores sociais são representados em textos podem ter implicações ideológicas” (*apud* Vieira e Resende, 2016, p. 151). Considerando que, ao utilizarmos a linguagem em nossas vidas cotidianas, “recorremos a maneiras particulares de *representar*, de *agir* e *interagir* e de *identificarmos* o mundo e a nós mesmos/as” (Vieira e Resende, 2016, p. 18, grifo das autoras), os estudos centrados na representação nos ajudam a perceberem como nossas visões de mundo são postas no e através do discurso, de modo a sustentar ou a suspender a hegemonia e a luta pelo poder.

Dessa maneira, estudar as formas de representação social implica buscarmos compreender de que maneira são construídas as escolhas de atores sociais ou grupos, além de ser possível, a partir daí, a proposição de modos alternativos às formas hegemônicas. Segundo essa visão, a própria concepção de discurso está atrelada ao “modo de interagir e se relacionar, de representar e de identificar(-se) em práticas sociais” (idem, p. 24), sendo, portanto, a análise voltada ao estudo da representação de extrema relevância para compreendermos a linguagem enquanto resultado do uso social.

Consideramos, portanto, que as formas de representação são sempre parciais e subjetivas e que os “[...] efeitos ideológicos de que (sentidos de) textos” têm intrínseca relação com “ações e interações, co-

nhecimentos, crenças, atitudes, valores, identidades” (idem, p. 25). Portanto, as representações se apresentam também como forma de disseminar modos de representação particular do mundo – e geralmente ocorrem como se fossem os únicos. O estudo da representação social, em última instância, nos permite desvelar as ideologias, especialmente aquelas em disputa pelo poder.

Defendemos, nesse sentido, que, assim como postulou van Leeuwen (1997, p. 183), “as representações incluem ou excluem atores sociais para servir aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a que se dirigem”. Ou seja, as representações são práticas sociais parciais, subjetivas e particulares, construídas a partir de determinado ponto de vista. Para além dessas questões, é preciso apontar que esses modos de representação não estão ligados apenas às formas linguísticas, mas principalmente a escolhas socio-semânticas, daí a ideia de “ator social”.

Ao nos posicionarmos dessa maneira, e aí reside uma postura extremamente ligada à própria proposta da ACD, enquanto engajamento social, assumimos uma posição de desvelamento e desnaturalização de discursos hegemônicos do senso comum, tendo “a possibilidade de coibirmos, anularmos seu funcionamento ideológico” (idem, p. 28).

O suicídio de Guilherme Santos de Andrade

Guilherme Santos de Andrade era estudante de Direito da Faculdade Baiana de Direito e estava prestes a concluir seu curso, restando apenas a etapa da defesa do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Aos 24 anos, Guilherme já havia sido, inclusive, aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e era considerado por seus amigos e parentes mais próximos um aluno esforçado e um

profissional competente. Filho de dona Neusa, professora do Colégio Santo Antônio, instituição onde seu filho também estudou, Guilherme nasceu e foi criado no município de Santo Antônio de Jesus, considerado a capital do recôncavo baiano.

Em 08 de julho de 2022, as redes sociais divulgaram amplamente a notícia da morte de Guilherme. Nos mais variados relatos, um fato em comum: a referência ao episódio da defesa do TCC vinculada à morte dele. Iniciou-se, a partir dessas divulgações, uma discussão sobre a maneira como os estudantes do ensino superior têm sua saúde mental negligenciada pelas instituições de ensino e, mais ainda, de como as instituições também precisam cuidar do seu corpo docente e demais funcionários para manutenção da saúde e do bem-estar de todos. Guilherme Santos Andrade foi encontrado morto em 07 de julho de 2022, na cidade de Salvador, pouco depois da defesa de seu TCC.

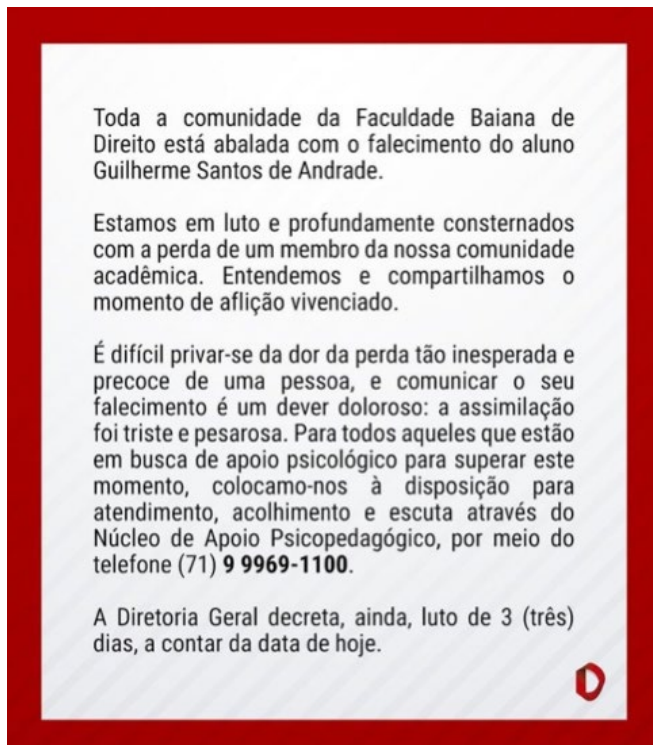
A morte de Guilherme causou repercussão e comoção entre seus colegas, além de tudo, por refletir um cenário caótico de extrema vulnerabilidade a que estão submetidos estudantes do ensino superior no Brasil. As inseguranças, angústias e desespero comuns desse nível de escolaridade se agravam em função de um quadro de diversas violências emocionais sofridas por discentes universitários.

Então, partiremos, na seção a seguir, para a análise propriamente dita do caso de Guilherme Santos, observando: 1) os elementos incluídos e os excluídos no processo de representação do evento do suicídio, sem deixar de observar os elementos incluídos mais saliente; e 2) como os atores e grupos sociais foram representados.

Análise e discussão dos dados

Na atual seção, partiremos para a análise propriamente dita do *corpus*. Para tanto, levaremos em conta a Nota de Pesar emitida pela Faculdade Baiana de Direito e postada em perfil oficial no *Instagram* da instituição, em 08 de julho deste ano. Reproduzimos, abaixo, a imagem da referida nota, atentando para elementos textual-discursivos que revelam a forma como o suicídio de Guilherme Santos fora representado. Em seguida, analisaremos os comentários de alunos e ex-alunos que remetem à falta de cuidado da Faculdade para com o corpo discente.

Imagem 1: a nota oficial



Fonte: Perfil oficial da Faculdade Baiana de Direito no Instagram

Em primeiríssimo lugar, lançaremos olhar para tal Nota com o intuito de responder ao primeiro questionamento: que elementos são incluídos ou excluídos desse evento social (no caso, a representação do suicídio de Guilherme) e que elementos incluídos são mais salientes. Gostaríamos, nesse sentido, de apontar um importante elemento excluído da Nota. E optamos por fazer isso porque essa exclusão tem muito a ver com a maneira como a sociedade, de maneira geral, trata da temática do suicídio ou da repercussão dele.

É sabido que o suicídio ainda se configura como tabu, especialmente num país marcado por preconceitos de diferentes matizes, como é o Brasil. A respeito dessa visão a acerca do suicídio, e da maneira como ele é visto e tratado socialmente, Karina Okajima Fukumitsu (2019) defende que existe um estigma fortemente associado ao suicídio. Segundo a suicidóloga, “há um aumento da comunicação sobre o assunto, mas ainda de forma restrita e cautelosa, com um resquício de crenças por muito tempo arraigadas de que falar sobre isso pode estimular ideias suicidas em quem pensa em se matar” (p. 7). Em outras palavras, herdamos, do ponto de vista cultural, social e histórico, a ideia de que não se deve falar sobre suicídio ou que, ao falarmos, poderemos estimular ideias suicidas.

Esta Nota da Faculdade é marcada pela ausência do termo **suicídio**. Ou seja, um estudante da instituição morre por autoextermínio, a referida instituição emite uma nota e sequer cita o termo. O que pode parecer uma “banalidade” ou “cautela”, na verdade revela traços ideológicos marcadamente relacionados a essa escolha. Ao não se referir à morte de Guilherme como um caso de uma morte autoprovocada, a Faculdade não só reproduz e cristaliza sentidos relacionados à perpetuação do tabu associado a esse tipo de morte, como também comete uma – das tantas – violências ao abordar a temática: a **exclusão**.

Essa exclusão não acontece em nome de uma propensa “cautela”, mas sim da reprodução do pensamento de que, ao silenciar um caso de suicídio, não haverá risco de, em último caso, influenciar outras pessoas a agirem da mesma maneira. Além disso, esse silenciamento é notadamente um apagamento de qualquer possibilidade de debate aberto a respeito da temática, mesmo diante de uma situação que poderia convocar os diversos setores da instituição a se engajarem, no sentido de colaborarem com a saúde de seus discentes.

Ao invés de discutir a temática, no entanto, a Faculdade nomeia como “falecimento” e “perda”, não como suicídio. Naturalmente, o suicídio é, em última instância, um falecimento e uma perda. Porém, não é um falecimento como os outros. Tratar o suicídio de tal forma é, ao fim e ao cabo, “apagar” as marcas relacionadas a esse tipo de morte. Entendemos que essa tentativa de “apagamento” das marcas do suicídio tenha a ver com a tentativa de não debater os fatores de risco nem de assumir um posicionamento de atuação diante da problemática.

O que esse apagamento gera, do ponto de vista discursivo, é, seguindo o que postulou van Leeuwen (1997), um *encobrimento*, em que se elimina do processo de representação do evento o suicídio, não de maneira radical, mas a partir da utilização de uma série de *nominalizações*. Conseguimos observar tais processos relacionados à exclusão quando ligamos o suicídio à maneira como ele é nomeado, a ele estão relacionados os termos “falecimento” e “perda tão inesperada e precoce”. Por outro lado, esse processo de representação também ocorre a partir do que van Leeuwen entende como inclusão por *personalização*, em que, de maneira *determinada*, há uma série de *nomeações* que estabelecem sentidos vinculados ao modo como o evento do suicídio de Guilherme, neste caso, é retratado.

Além da própria gravidade e seriedade do suicídio, como elemento que cerceou sua vida de um jovem, a morte autoprovocada é ainda mais triste quando consideramos aspectos sociais a ela relacionados, tais como a maneira como as pessoas em nossa volta compreendem, respeitam e acolhem as nossas dores. Então, ao se matar, Guilherme leva consigo os reais fatores que motivaram sua escolha, mas deixa “pistas” a respeito do modo como tratamos tal realidade.

Poderíamos buscar, dessa maneira, interpretar algumas dessas “pistas”, posto que, além de dor e comoção, pela tragédia que é essa morte, seu suicídio causou também indignação e revolta. Tal sentimento é exposto nos diversos comentários feitos à publicação e denuncia o *modus operandi* com que, infelizmente, o ensino superior trata seus alunos, no tocando ao cuidado com a saúde mental. Mais adiante, apresentaremos alguns comentários de alunos e ex-alunos que revelam esse sentimento de indignação dos discentes da Faculdade.

A inclusão da representação do evento a partir de processos de nomeação e a exclusão por encobrimento endossam visões que cristalizam preconceitos sócio-histórico-culturais a respeito do suicídio e reproduzem uma ideologia que permite a sustentação da ideia de tabu a ele relacionado. Além disso, o modo como a inclusão da representação desse suicídio e como são texturizados contribuem para construir um cenário de consternação e surpresa por parte da Faculdade, isentando-se, inclusive, de qualquer responsabilidade sobre sua atuação no cuidado com a saúde mental dos estudantes.

Acerca da maneira como os atores sociais são representados, a Nota inclui uma categorização por *identificação*, que é quando atores são representados por aquilo que “são”). Isso está marcado nas escolhas semântico-sociais de representação de Guilherme: “aluno” e “membro da nossa comunidade acadêmica”, tentando sempre relacionar Gui-

lherme com uma ideia de pertencimento àquela coletividade, o que dá a sensação de que sua morte também é, em partes, a morte de uma parte da Faculdade. Ou seja, Guilherme também é representado a partir de um processo de *coletivização*. Na verdade, a Faculdade representa Guilherme desse modo para que seja expresso o sentimento de perda por parte da Instituição.

Ao observarmos os comentários dos alunos e ex-alunos, entretanto, nos deparamos com um cenário de representação completamente oposta ao que a Faculdade constrói em sua Nota – não em relação a Guilherme, mas à maneira como a Faculdade cria uma autorrepresentação: de preocupação, consternação, de dor, *nomeando, identificando, coletivizando* Guilherme e seu suicídio de modo a construir um cenário idealizado de preocupação e solidariedade com o estudante e com sua morte.

Selecionamos três comentários com teor relacionado a essa preocupação da Faculdade com a morte de Guilherme, especialmente no que se refere ao modo como trata a saúde mental dos estudantes. Recordamos, considerando ainda, aqueles com maior repercussão na postagem. O primeiro comentário, daqui a diante **comentário 1** recebeu mais de 2.360 curtidas e diz o seguinte:

“Aproveita e ofereça serviço de humanidade para o corpo acadêmico também”. Fonte: Instagram

Poderíamos entender o comentário 1 como uma denúncia, a partir da observação do modo como o suicídio de Guilherme fora representado: a) como resultado da “falta de serviço de humanidade”. Quer dizer, a escolha pela forma verbal “ofereça” nos revela mais do que um pedido, mas uma denúncia em relação ao modo como a Faculdade trata seus alunos. Essa forma imperativa do verbo ocorre para atestar, sobretudo, a maneira como os estudantes sentem-se em relação à Facul-

dade, que é, a partir desse comentário, representada como instituição que não oferta “serviço de humanidade”. Existe, portanto, um forte componente avaliativo no modo como esse discurso representa a Instituição. No **comentário 2**, a seguir, é possível perceber alguns mecanismos de representação desse evento também associado ao modo como a Faculdade cuida (ou não cuida) da saúde mental dos alunos.

Comentário 2:

“Palavras frias. Igual tratam os alunos. Ridículos!”. Fonte: Instagram

Em função desses comentários serem, obviamente, uma resposta à Nota da Faculdade, há uma série de processos de representação ligados ao modo como a Faculdade relata o suicídio: com “palavras frias”. Mais do que isso, tal comentário compara essas “palavras frias” com a maneira como os estudantes seriam tratados por ela. Ao utilizar o adjetivo “ridículos”, a aluna representa a Faculdade através da *personalização*, quando se é atribuída característica humana a dado evento ou ator social. Essa personalização ocorre, todavia, a partir da atribuição de um adjetivo negativo (“ridículos”), caracterizando o que van Leeuwen considera como *avaliação*, o modo de representar atores sociais “referidos em termos que os qualificam, como bons ou maus, amados ou odiados, admirados ou lamentados” (Van Leeuwen, 1997, p. 207).

O mesmo ocorre no **comentário 3**, reproduzido abaixo:

“Que nota protocolar. A indiferença é de embrulhar o estômago”.

Fonte: Instagram

Há, assim como nos comentários 2 e 3, uma série de modos de representar a Faculdade a partir da avaliação, o que nos revela uma relação desses discursos dos estudantes e do sentimento de indignação e revolta diante da maneira como a referida Instituição se posiciona a respeito da morte de Guilherme.

Nos três comentários analisados, há um direcionamento de culpa

dos alunos para com a Faculdade. Esse sentimento, afirma Fukumitsu (2019), faz parte do processo de luto enfrentado na posvenção do suicídio. Não podemos esquecer a morte de Guilherme impactou, de forma direta ou indireta, centenas de milhares de estudantes – pela repercussão do caso – e, portanto, causou a projeção desse sentimento de culpa. Ou seja, ao observarmos o *corpus*, constatamos que há uma tendência *avaliativa* por trás da manifestação desse sentimento de culpa.

Apesar de comum no processo de luto, a culpa mascara algo mais profundo: a simplificação do suicídio a um evento específico. Não podemos perder de vista que, a despeito de toda a influência que o modo como a Faculdade tratou a saúde mental pode ter tido sobre o corpo discente, o suicídio não pode ser explicado a partir de uma única visão. Antes, devemos considerá-lo como “resultante de um conjunto de fatores e de uma intencionalidade pessoal.” (Fukumistu, 2019, p. 7). Ou seja, tentar explicar o suicídio apenas pelo viés da culpabilização da Faculdade é, em grande medida, apresentar visão simples e simplista, que limita a compreensão do próprio fenômeno.

Últimas palavras

A partir das análises aqui empreendidas, foi possível observar que tanto a Faculdade, por meio de sua Nota, quanto os comentários de alunos e ex-alunos reforçam estereótipos relacionados ao suicídio, que, conseqüentemente, sustentam o *status* de tabu desse fenômeno. Seja pela tentativa de *encobrir*, de *nomear* de modo específico, ou a partir da *categorização avaliativa*, a Faculdade e os discentes revelaram, em seus discursos, práticas vinculadas a uma tradição que reproduz ideias equivocadas a respeito do suicídio: de que não se pode falar sobre ele; ou de se isentar da responsabilização da saúde mental das pessoas; ou,

no caso da visão dos estudantes, da projeção de uma culpabilização à Faculdade, que demonstra compreensão *unifatorial* do suicídio.

O trabalho empreendido pelo analista crítico de discurso é esse: revelar, desvelar ideologias presentes em discursos diversos e engajar-se do lado dos menos favorecidos, excluídos, silenciados e estereotipados socialmente, como ocorre com quem consoma ou tenta suicídio. É preciso quebrar com a lógica preconceituosa, historicamente estruturada e reproduzida em diferentes discursos.

A morte de Guilherme nos convoca não só a pensar sobre como devemos representar o suicídio, de modo a romper com essa herança preconceituosa, mas, acima de tudo, como também nos conclama a repensar a maneira como entendemos o suicídio, como lidamos com as pessoas que expressam, de forma direta ou não, seu desejo pela morte ou com aqueles que perderam algum ente querido.

Referências

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FUKUMITSU, Karina Okajima. *Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções*. São Paulo: Summus, 2019.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford, 2008.

VIEIRA, Viviane & RESENDE, Viviane de Melo. *Análise do discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. São Paulo: Pontes Editores, 2ed., 2016.

WODAK, R. *Do que trata a ACD – um resumo de sua história, Conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. *Linguagem em (Dis)curso – LemngD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 223-243, 2004.

Recebido em: 28/08/2022

Aprovado em: 23/01/2023

Licenciado por

